

---

Hume, Mick (2016). *Direito a Ofender – A liberdade de expressão e o politicamente correcto*. Tinta da China. (316 páginas). ISBN 978-989-671-321-8 Ash, Timothy Garton (2017). *Liberdade de Expressão – Dez princípios para um mundo interligado*. Temas e Debates. (512 páginas). ISBN 978-989-644-423-5

João Tiago Proença

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cp/1421>  
DOI: 10.4000/cp.1421  
ISSN: 2183-2269

**Editora**

Escola Superior de Comunicação Social

**Referência eletrónica**

João Tiago Proença, « Hume, Mick (2016). *Direito a Ofender – A liberdade de expressão e o politicamente correcto*. Tinta da China. (316 páginas). ISBN 978-989-671-321-8 Ash, Timothy Garton (2017). *Liberdade de Expressão – Dez princípios para um mundo interligado*. Temas e Debates. (512 páginas). ISBN 978-989-644-423-5 », *Comunicação Pública* [Online], Vol.12 nº 22 | 2017, posto online no dia 30 junho 2017, consultado o 23 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/1421> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.1421>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 23 setembro 2020.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

---

Hume, Mick (2016). *Direito a Ofender – A liberdade de expressão e o politicamente correcto*. Tinta da China. (316 páginas). ISBN 978-989-671-321-8

Ash, Timothy Garton (2017). *Liberdade de Expressão – Dez princípios para um mundo interligado*. Temas e Debates. (512 páginas). ISBN 978-989-644-423-5

João Tiago Proença

---

## REFERÊNCIA

Hume, Mick. *Direito a Ofender – A liberdade de expressão e o politicamente correcto*. Tinta da China, 316 páginas, ISBN 978-989-671-321-8

Ash, Timothy Garton. *Liberdade de Expressão – Dez princípios para um mundo interligado*. Temas e Debates, 512 páginas, ISBN 978-989-644-423-5

- 1 A liberdade de expressão está sob fogo. Isso é testemunhado pelos dois livros publicados recentemente e traduzidos de imediato para português. Mick Hume, um veterano marxista do jornalismo britânico, debruça-se sobre o politicamente correto, em particular nos domínios tanto do jornalismo, da comédia e da academia, como também - menos comum - do futebol. Antes de o fazer, Hume apresenta uma história da

liberdade de expressão; útil lembrete do preço que se pagou por tão precioso bem. Ora, essa história polarizou-se à volta de dois pontos: a blasfémia e o segredo de Estado. No Ocidente, a primeira questão está internamente resolvida, e a segunda foi democraticamente regulada segundo o princípio da publicidade. O problema hoje decorre em grande parte das reivindicações identitárias - o crime de blasfémia, de vertical, passou a horizontal; o processo de individualização exacerbada tornou cada pessoa um Deus para si própria, e agora reclama o respeito que lhe é putativamente devido (cf. Hume, p. 61). Mas os deuses são ciumentos, e numa esfera pública assim constituída toda e qualquer palavra é, ou pode ser, ofensiva. A ‘horizontalização’ do problema dá-lhe um ar de respeitabilidade laica, ao reduzir a questão à delimitação da esfera individual, onde se trata de compatibilizar as diferentes liberdades individuais, entendidas agora como direito a não ser ofendido (cf. Hume, p. 105). Os efeitos, contudo, são os mesmos, e é para os alcançar que se recorre a esta estratégia de “lobo no redil”, como a designa Guy Haarscher<sup>1</sup>.

- 2 Este direito a não ser ofendido é maneira sonsa de introduzir o ‘mas’. Como nota Hume, à partida, somos todos a favor da liberdade de expressão; depois surgem os ‘mas’. Uma vez admitida esta limitação horizontal em nome de um tal direito, o passo natural é o de traçar uma equivalência espúria entre palavras e atos, e, claro está, passar a criminalizar as duas coisas em pé de igualdade. Particularmente assustador e pernicioso é o que se passa no meio académico anglo-saxónico, mas não só; no que diz respeito à eliminação de livros dos *curricula* em nome da pasteurização dos conteúdos pedagógicos, como se a vida académica devesse desenrolar-se ao abrigo de vidros escuros e de ar condicionado. Os casos arrolados por Hume, que a conta-gotas perdem o seu impacto, mas reunidos produzem um efeito lúgubre, são eloquentes, com os seus avisos “pode ferir suscetibilidades”, as suas “Zonas de Livre Expressão”, etc. (cf. capítulo *A frente universitária: estudantes que se querem libertar da expressão*).
- 3 A tentativa de legislar sobre a linguagem não pode deixar de homogeneizar, dada a generalidade da lei, o ‘uso’ linguístico, que é o oxigénio da expressão. Daí, aliás, o proverbial carácter sorumbático do censor; o uso e a reciclagem da linguagem no humor, onde o contexto é rei, têm de ser alvo de repressão. No mundo geométrico dos novos O’Brien, as *saturnalia* ficam à porta - afinal já o próprio Aristófanes se metera em sarilhos... Neste capítulo, sobressai a leitura divertida de Hume quanto ao policiamento classista da linguagem nos divertimentos populares (cf. *A Frente do Entretenimento: pontapés à liberdade de expressão no futebol e uma comédia que não está para brincadeiras*).
- 4 Na segunda parte, intitulada *Cinco boas razões para restringir a liberdade de expressão - E porque é estão todas erradas*, Hume escarpeliza argumentos já tipificados, utilizados habitualmente para cercear a liberdade de expressão, desde o clássico “Não se pode gritar ‘fogo!’ num teatro apinhado de gente” até “A liberdade de expressão é só uma desculpa para os meios de comunicação social manipularem as pessoas”, passando por “Mas as palavras magoam”, que versa o discurso do ódio. Trata-se do *locus* onde a proibição tem maior aparência de plausibilidade. É aqui, no entanto, que reside a questão principal da liberdade de expressão e onde menos se deveria proibir; pressupor a continuidade sem entraves entre discurso e atos é a maior prova de paternalismo e de desresponsabilização. Vícios que Hume não poupa, *ridendo castigat mores* - é precisamente para isso e por isso que a liberdade de expressão é tão necessária.
- 5 A obra de Timothy Garton Ash tem outras ambições. O historiador, que acaba de ser galardoado com o Prémio Carlos Magno, trata da liberdade de expressão no contexto

político e internacional, que a evolução tecnológica tornou possível. Na primeira parte do livro, Ash traça as linhas principais que circunscrevem o mundo tecnológico da ‘aldeia global’, no capítulo *Cosmópolis*, que é fundamental para entender a análise dos dez princípios que constituem a segunda parte. É um dos pontos fortes da obra de Ash, uma vez que a discussão de todos esses problemas com base na estrutura tecnológica que interliga o mundo permite compreender a complexidade dos problemas associados à liberdade de expressão. Hoje, já não há soluções unilaterais; um exemplo radical apresentado por Ash: um vídeo no Youtube pode provocar distúrbios e mortes em países onde nunca foi visto (cf. pp. 80-91).

- 6 As páginas dedicadas ao exame da cosmópolis, “combinação de virtual e de físico, de global e local” (cf. p. 83), são uma excelente fonte de informação, e de alerta, para todos os que usam ingenuamente a internet, seja para fazer compras, para se distrair, para se informar, para comunicar corriqueiramente, etc. Na segunda parte, os seus “dez princípios para um mundo interligado”, que, aqui e ali, se aproximam perigosamente de um discurso redondo e repleto de boas intenções, pretendem servir de bússola num mundo globalizado. Havendo áreas de sobreposição com o livro de Hume, outras há que são políticas em sentido específico, nomeadamente o controlo privado e estatal (EUA) das tecnologias de informação, a soberania informática, os casos Snowden e Assange, os *big data*, o algoritmo-editor, a privacidade, a confidencialidade e o papel do jornalismo. Estas políticas levantam problemas de difícil resolução no que diz respeito ao modo de lidar com a diversidade cultural e religiosa nos planos interno e externo, uma dicotomia cada vez mais esbatida. Neste sentido, é também uma excelente introdução, de fácil leitura, a todo um conjunto de questões políticas. A ler.

---

## NOTAS

1. Guy Haarscher, *Comme un loup dans la bergerie – Les libertés d’expression et de pensée au risqué du politiquement correct*. Paris: Cerf, 2016.

---

## AUTORES

**JOÃO TIAGO PROENÇA**

joaotiagoproenca@yahoo.com

Conselho da União Europeia

LE 09.CD.70

Rue de la Loi/Wetstraat 175

B-1048 Bruxelas - Bélgica